

Kaká, Lulu e Zezé: Vidas e mortes

Francisco César Manhães Monteiro

Num universo paralelo próximo, o jovem Franz trocava Praga pelo Rio de Janeiro aos nove anos de idade.

Torna-se benemérito do Madureira, o tricolor do subúrbio carioca, e organizador da célebre feijoada e roda de samba do primeiro sábado de cada mês. Candidata-se a vereador, sem sucesso. Ainda jovem e já barnabé, teve umas veleidades de escritor, mas o intimidava o fio do Machado; discutiu uma vez entre cervejas de barbante com o amigo Afonsinho um conto absurdo a quatro mãos chamado “O homem que falava tcheco”, que, por estrambótico e passado o porre, não foi adiante.

Frequentava às quartas ou quintas o puteiro da madame Clotilde, na Lapa, mais para conversar com madame longamente em iídiche, sobre os mistérios de Fátima e poesia. Leem-se em francês e alemão poemas de Rilke. Fora da repartição é mais conhecido pelo apelido de Kaká. Amiga-se com uma cantora cujo nome de palco era Josefina, em homenagem à la Baker; com ela tem uma filha.

Um dia sonha que se chamava Gregório e se transformara em barata.

Nunca mais foi o mesmo.

II

Ainda no universo ao lado, o cabo Adolfo, o filho mal-amado de um burocrata bastardo, foge da sua pátria natal após a guerra e chega ao Rio quase junto com a Gripe Espanhola. Traz os pulmões ainda queimando em cloro e a alma ardendo em desejos.

Havia lido numa tradução francesa manuscrita e inédita, encontrada junto ao cadáver de um poeta romeno achado numa trincheira inglesa, o início de um romance exótico, que falava de

um canalha como ele, “forte para desejar e fraco para resistir ao desejo”. Quis conhecer esse país distante, onde florescem os limoeiros, o desejo tem rédeas frouxas e no qual se reconhecia.

Tornou-se leão de chácara, cartazista, zelador de sinagoga, cafetão na Lapa, garçom de cervejaria no Catete. Rebatizou-se Luis, nesse ínterim. Finalmente, tornou-se um anônimo famoso, rabiscando catecismos pornográficos, gastando nisso seus recursos de artista de parco talento.

Redimiou-se de tantos pecados, casando com uma mulata, puta aposentada, que uma francesa de Lodz lhe apresentara. Teve três filhos, todos adotivos: um policial, um padre e outro que prosperou como travesti. Morreu de sífilis ou de asma, aos oitenta e seis anos mal contados, num hospício capixaba. Somente Soraya foi ao enterro.

É também Soraya quem lhe encomenda e paga a missa de sétimo dia. Por confusão de origem ou via das dúvidas, um curto necrológico fictício saiu em ídiche no jornal da comunidade.

III

Tinha sido pintor de paredes em Londres, sob o pseudônimo ruim de Peter, The Painter. Também pintara, dizem, umas aquarelas que alguém jura sem provas ter visto anos depois num mercado de pulgas. Na Suíça, foi brevemente leão de chácara e começou a deixar crescer um próspero bigode para disfarçar o rosto bochechudo de bebê. Assim como adota uns saltos plataforma para disfarçar a parca altura. Também falava pouco, talvez desanimado por sua voz lenta e insegura, que disfarça o sotaque ruim.

Cansou de esperar pela revolução que não vinha. Embarcou de Nice para a Argentina, em vez de ir-se a Petrogrado onde prometera estar. Justificou-se, anos depois, dizendo que seguia as pernas e passos inexoráveis duma tangureira platense, de hábitos generosos e coração elástico.

Desiludido, ainda a bordo, do tango e outras milongas, teve outro desatino e desembarcou em Santos; onde carregou café e batatas por três meses em troca de comida. Foi depois, garçom francês por outros dois meses numa casa de tolerância de moças quase tão francesas quanto ele próprio. De porto em porto, foi um passo chegar à praça Mauá, Rio de Janeiro, e daí à Lapa. Mancomunou-se com outras polacas, falando elas em ídiche e ele um baixo alemão, francês de bas-fond e um inglês de eliza dolittle. Às vezes, pior, em russo de escola de mistura com seu

georgiano. O fato é que não foi desta vez que foi original. Se não sabia fazer nada, foi fazer o que não sabia, mas em que tinha experiência.

Reinstaurado leão de chácara, confiava outra vez no bigode imponente mascarando o bebê emburrado. A voz não ajudava. Manteve-se um poliglota do silêncio: desta vez se fez calado como um russo durão que não falava português. Mal precisava fingir; a primeira parte era verdade e já o confundiam mesmo com russo, bastava não negar. Logo, ganhou o apelido de Zezé, que tanto lembrava o seu apelido de infância. O “Zezé” não vinha, como ele pensava, do nome que adotara no passaporte falso feito ainda em Nice. É que lembrava aos gaiatos um galo garnisé pelo porte, voz e atitude.

Os anos o abrandaram. Tomou gosto pela feijoada e o angu, e não desdenhava do bifteck à cheval dos restaurantes ou o mesmo bife à portuguesa dos botecos ali mesmo da Lapa. Fez-se amigo do cozinheiro italiano, dito Vito Mané, fã de Garibaldi, que chamava o Zezé de Bepo. Bebiam juntos e Mané bem que tentava fazer uns arremedos comoventes de pratos da infância de Bepo, que chorava profusamente, depois da terceira grappa, acre como água da vida da sua juventude. Da cachaça, não gostava; achava fraca e enjoativa. Sobretudo, lhe lembrava o cheiro daqueles que aprendera a barrar à porta do cabaré.

Engordou com os anos, sem perder a pose de galo. Ganhou até um novo apelido, outra vez maldoso, Homem de aço.

Tornou-se devoto de São Jorge e até frequentou a igreja de Santa Teresa. Na feira da Glória, encontrou uma imigrante armênia, que compartilhava da sua inabilidade com as línguas ou, vendo de outro lado, da mesma fluência macarrônica. Ela conhecia algo de russo e até algumas palavras do arisco idioma de origem de Zezé. Senão em sua própria pátria, sentia-se com ela no bairro armênio de sua cidade natal. Casaram suas inabilidades e tiveram três filhos. E um quarto, que nasceu moreno demais e causou o fim do casamento.

Um filho tornou-se milico. Destacou-se nos porões da tortura e morreu bicheiro. Outro se casou com uma filha de comerciantes romenos e converteu-se judeu. O filho deste, o neto dileto de Zezé, tornou-se jornalista do caderno de economia de O Globo. Recentemente, abriu um blogue LGBT. Tem a estatura e a voz de barítono que o avô nunca teve, mas o mesmo bigode. O terceiro filho foi ser médico do INPS, vereador pela Arena e morreu num assalto na rua Aurélio Garcindo, esgueirando-se na casa da amante. Do outro filho, a família nunca quis falar. Mudou-se com a mãe Dziadzan, digo, a dona Ziza, para Bangu e perdeu-se-lhe o rastro por muitos anos.

Nosso Homem de Aço, já sessentão, tornou-se feirante, criador de canário canoros e, nos últimos anos, com o aval do filho milico e bicheiro, dono de ferro-velho.

Morre na cama, enquanto os tanques andam pelas ruas de Praga e no rádio o Caetano caminha contra o vento, sem lenço nem documento.

Foi o filho moreno sumido, o que Zezé não reconheceu e mal conheceu, quem mostrou que no fundo é um bom rapaz e fez a fala mais sentida no enterro quase vazio de Zezé. Era então babalaô num terreiro do Engenho de Dentro.

(Muitos anos depois, Soraya, seu amigo babalaô e um senhorzinho mirrado e culto, músico amador da roda de chorinho, encontram-se num restaurante do Catete à saída do Museu da República. Estavam impressionados com uma exposição de arte afro-brasileira, o que os leva a bater um papo furado que mistura história, carma, ancestrais. Com a moqueca e a segunda garrafa, chega uma conversa filosófica e séria, e as reminiscências. O cavaquinista lembra do bisavô que, assombrado pelos horrores da guerra, perdera a humanidade e tornara-se louco. Era leitor de Jorge Luis Borges e tinha umas ideias interessantes sobre caminhos bifurcados, memória e destino. Soraya lembrou do pai adotivo, também austríaco e igual de louco. Jacó de Oyá não teve como esquecer do pai de quem só sabia que não batia muito bem da bola e era outro brasileiro recalcitrante feito no exílio.

E entre chopes, sardinhas, vinhos, bolinhos de bacalhau e mendigos na calçada, divagaram e devanearam como poderiam ter sido as vidas de seus ancestrais e o mundo se não tivessem conhecido o Brasil.